

# O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTORES E PROPRIETARIOS: -- Lyster Franco e João Pedro de Sousa

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABADOS

Redacção, administração, composição e impressão

TIPOGRAFIA DEMOCRATICA, Rua 1.º de Dezembro — Faro

Endereço telegrafico

HERALDO — FARO

ASSINATURAS: -- Trimestre . . . . 500 réis

COMUNICADOS E ANUNCIOS

Cada linha . . . . . 20 réis

(Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial)

Publicam-se todas as informações de interesse  
Não se restituem os originaes.

## Expediente

A's pessoas a quem enviamos o 1.º numero do «Heraldo» rogamos a fineza de o devolverem no caso de não quererem honrar-nos com a sua assinatura.

## SURGE ET AMBULA

Após um mês de interrupção transcrito a instalar em Faro as oficinas da *Tipografia Burocratica* e do *Guadiana*, que adquirimos, respectivamente em Tavira e em Vila Real de Santo Antonio, apparece hoje *O Heraldo* na capital do distrito.

Não vem hostilizar ninguém, não pretende ferir susceptibilidades nem concitar odios.

Do seu passado traz apenas a briosa historia de trinta anos dispendidos em pugnar, sem desanimos, pelos interesses e progressos da antiga cidade do Gilão.

*O Heraldo* que hoje inicia a sua existencia é um jornal genuinamente democratico. Não o acompanham responsabilidades nem afinidades politicas pretéritas; enceta vida nova como novos são os seus directores actuaes e em cujo passado politico não ha sombras.

Enfileirando modestamente junto dos jornaes democraticos *O Heraldo*, propõe-se não só a defender e a propagar os principios da mais pura democracia, taes como devem existir n'uma Republica feita pelo Povo e para o Povo, mas tambem a concorrer, quanto em suas forças caiba, para que se estreitem e solidifiquem os laços de boa camaradagem que devem existir entre todos os que amando a Republica, sabem colocar acima das pugnas politicas, sempre mesquinhas e estereis, o prestigio das novas Instituições e a integridade da Patria.

Não podia *O Heraldo* ter outra norma com os homens que assumem a sua direcção e que, ainda nos tempos anteriores ao glorioso Cinco de Outubro, não por despeitos nem por insatisfeitas ambições, mas sim impulsionados pela poderosa força resultante da evidencia dos factos, se tinham afeito a considerar o illustre estadista Dr. Afonso Costa como o mais hldimo representante do ideal democratico.

Assuntos de interesse geral, questões de interesse local e do distrito, noticias diversas, criticas de factos, tudo emfim que possa contribuir para a defeza das Instituições Republicanas, para a utilidade publica e para a propaganda dos principios democraticos, disso nos occuparemos.

As legitimas aspirações do Povo e os interesses do Algarve terão no *Heraldo* um defensor persistente e tenaz, sempre pronto a pugnar sem faciosismos, pela justiça e pela liberdade.

*O Heraldo* profiará em ser recto e imparcial, não se esquecendo de ser cortez como cumpre a um jornal moderno.

A critica serena dos factos, de que excluiramos todo o espirito de agressão pessoal, o estudo consciencioso dos variados assuntos que mais directamente se prendem com o desenvolvimento e progresso desta bela provincia, tão repleta

de sol e de aproveitaveis iniciativas, a defeza das Instituições Republicanas, a que continuaremos a consagrar os nossos mais dedicados esforços, sintetizam, por assim dizer, o programa que nos propomos seguir.

Todos aqueles que colaboraram n' *O Heraldo* de Tavira, essa falange numerosa, entre a qual se destacam muitas personalidades politicas do actual regimen e cuja honrosa camaradagem sempre muito prezamos, encontrarão as colunas d' *O Heraldo* sempre ao seu dispor, logo que pretendam versar, com a superioridade e a correcção que os distingue, questões de interesse geral.

Serão leaes e correctos os nossos processos jornalisticos, muito embora tenham de ser inercias as nossas palavras sempre que desçamos á estacada em defeza dos principios que sustentamos.

Por isso, ao apparecer na arena jornalistica *O Heraldo* saúda todos os seus colegas e afirma-lhes os mais ardentes desejos de fraternidade.

Lyster Franco.

## CENTRO REPUBLICANO DEMOCRATICO DE FARO

Tem aumentado consideravelmente nestes últimos dias o numero de socios d'esta prestante coletividade politica, esperando-se novas e valiosas adesões.

No mez transato realizaram-se na sede do Centro duas interessantes palestras, sendo conferentes os srs. Antonio Martins Paula, que falou sobre a influencia e efeitos perniciosos do alcoolismo, fazendo ainda varias considerações sobre educação civica, e dr. João Pedro de Sousa, director d'este bi-semanario, versando o assunto palpitante da origem das religiões, dos padres e do culto.

Tambem na devida altura este Centro se manifestou, associando-se á justissima apoteose feita em Lisboa ao grande sabio e eminente democrata dr. Teofilo Braga. Enviou-lhe um telegrama de cordaes saudações e fez-se representar no cortejo civico por intermedio do seu presidente, o nosso estimado amigo Antonio Ezequiel Pereira.

## ECOS E CONSIDERAÇÕES

### TELHAS DE VIDRO

O sr. Machado dos Santos, no editorial do seu *Intransigente* de segunda feira, embandicando a respeito do emprestimo que o nosso governo tenciona contrair, pretende fazer misterio do caso. Fioge não saber qual a sua applicação e pergunta a si proprio:

«Será para reparar as estradas, abrir novas vias de comunicação, drenar portos e rios, arborisar montes e dunas?»

*O Intransigente* não sabe que o tesouro está exausto e que o emprestimo se torna preciso para muita coisa e por muitas razões? Até se precisa para dar ao sr. Machado dos Santos um subsidio espantoso, que por si basta para aterrorisar os pobres contribuintes!

### UM BOM ESPELHO

O sr. José da Piedade Correia, intelligente e zeloso inspector do circulo escolar de Faro, resolveu ha dias, por circunstancias puramente particulares, pedir a sua transferencia para o circulo de Portalegre, e logo o professorado do circulo de Faro houve por bem reunir-se para fazer sentir junto de sua excellencia o desgosto que lhes causaria a retirada.

Sabemos que o muito digno inspector desistiu do pedido de transferencia, que tinha feito, causando assim o maximo prazer aos professores do seu circulo.

Folgando com esta prova de justa consideração pelas excellentes qualidades do illustre inspector,

## EM HOMENAGEM

Publica-se no primeiro numero do nosso jornal o retrato do dr. Afonso Costa. Não é para o tornar conhecido de ninguém, porque tal pretensão exprimiria da nossa parte o maior sintoma da inconsciencia ou incompreensão das coisas. O nome e o retrato do dr. Afonso Costa são hoje conhecidos de todo o paiz, desde a opulenta cidade libertadora até ás mais serrotejadas e lastimosas povoações das provincias. Corram os leitores este paiz, do sul até ao norte, as bonitas e pitorescas aldeias do Algarve, as terras fanaticas do Minho ou as regiões incultas de Tráz-os-Montes; escutem o povo, ainda o mais desprezível, e por certo ouvirão de todas as bocas, assomando do coração aos labios, o nome glorioso do immortal emancipador da consciencia portugueza. Entrem nas choupanas ou tugurios dos pobres, e em todos esses logares de miseria e de fome verão, pendentes das paredes, o retrato insinuante do fervoroso apostolo dos ideaes democraticos. E' que o dr. Afonso Costa, no seu nome e no seu retrato, sugere-nos a convicção de que, para conhecer e apreciar bem os efeitos deliciosos da liberdade, é necessario ter experimentado os horrores do sacrificio e as algemas da escravidão: evoca-nos a recordação miseravel dos tempos criminosos e deletérios da monarchia, cujo trono caiu subjugado ao peso da lama, e traz ao nosso espirito a ideia sugges-

tiva da emancipação e do amor. O nome vale uma epopeia, e o retrato creou no povo portuguez o culto de si mesmo.

O dr. Afonso Costa não é somente um chefe politico: é a legitima encarnação da atividade, da intelligencia e do patriotismo, que

povo a mascara nojosa das impoções dogmaticas da igreja, libertando-lhe a consciencia das iras do ceu, das labaredas do inferno, das hipocrisias dos padres e das exco-munhões truanescas de qualquer nulidade pontificia.

Mas na obra legislativa do dr. Afonso Costa não ha somente a viva expressão de um homem que procedeu sem tibiezas nem desfalecimentos na implantação da melhor liberdade do povo, — não ha só encantos de forma, energia de vontade e patriotismo: ha tambem o restabelecimento da dignidade familiar e o amor pelos infelizes. As grandes leis d'este democrata emancipador são outros tantos padroes gloriosos da historia da humanidade, e, entre todas, ha uma lei que para nós representa a pedra basilar da Republica: é a lei da separação do Estado das igrejas, essa lei que não tem equal no mundo inteiro.

A superior intelligencia do dr. Afonso Costa, um dos maiores privilegios da natureza, deslumbrando-nos pelas mais esplendidas cintilações, é para os portuguezes um manancial uberrimo de conquistas e liberdades.

Por tudo isto, é que vimos inaugurar a nossa galeria com o retrato do dr. Afonso Costa. Fazemo-lo no intuito de cumprir um dever civico dos mais elementares, e honramo-nos com esta publica homenagem da nossa admiração.

João Pedro de Sousa.



registamos o caso para que sirva de espelho aos maos funcionarios.

### AGUAS PASSADAS...

Os republicanos de Messines e Vila Real de Santo Antonio tambem enviaram telegramas ao ministro do interior, protestando contra o telegrama expedido de Faro em nome dos republicanos historicos, a proposito da nomeação do governador civil do Algarve.

Se bem que haja republicanos historicos e republicanos com historia, bom seria que se liquidasse um incidente de que só pode resultar desprestigio para as instituições, que todos devem procurar servir leal e honestamente.

### PAIVANTES FRANCEZES

Estão finalmente presos os bandidos que em pleno dia, depois de terem assallado um automovel e d'ele se apoderarem, assassinando o chauffeur e o proprietario, se dirigiram a Chantilly, depois de atravessarem Paris, e ali comentaram o audacioso roubo n'uma agencia bancaria, onde por eles foram mortos a tiro de revolver dois ou tres funcionarios.

Esse acontecimento causou a maior impressão em todo o mundo e ninguém houve que não pre-

fizeram de Portugal um paiz digno de seus filhos e da sua historia. Todos lhe reconhecem extraordinarias vantagens sobre os demais estadistas, porque as tem realmente, — e n'esta qualidade todos o admiram; o povo portuguez adora-o, porque o dr. Afonso Costa cimentou com as suas leis a grandeza da revolução, tornando inviolaveis as instituições do novo regime, e rasgou do espirito d'este mesmo

Pois mais valia que saísse por Vila Real de Santo Antonio, para ter ensejo de ver boas carroçagens, limpeza á rodos, horarios bem executados, apeadeiros indispensaveis (Pedras d'El-Parreira, etc.) e, sendo em occasião de chuvas, apañar dentro das carroçagens deliciosos banhos.

dissesse para os criminosos a applicação da pena de morte. Consta-nos, porém, que meia dúzia de deputados *evolucionistas* do nosso parlamento vão, pela força do habito, solicitar do presidente da Republica Franceza a mais completa amnistia para os bandidos.

Até o Couceiro se benze!

### A CULTURA DO ALGODÃO

Já regressou a Lisboa o inspector da região agricola do sul, sr. Filipe da Silva, que viera á nossa provincia assistir aos ensaios da cultura do algodão.

O illustre funcionario encontra-se muito satisfeito com a forma por que a cultura do algodão se efetua no Algarve, e que é de molde a garantir optimos resultados.

E digam lá que o sr. ministro do fomento, a quem se deve esta diligencia, não faz caso da sua provincia.

### UM PEQUENO DESVIO

O *Mundo* de hontem diz que vem brevemente a Portugal, em missão de estudo, um empregado dos caminhos de ferro austriacos. Segundo elle informa, entrará por Valencia de Alcantara, e, passando por Lisboa, sairá por Badajoz.

JOÃO PEDRO DE SOUSA

ADVOGADO

6 — RUA DE SANTO ANTONIO — 6

FARO

**Abri!** — E' o titulo do conto primorosamente traduzido por Agnelo Oscar, pseudonimo de um dos nossos mais distintos escritores, com que inauguramos a nossa secção *Contos e novelas*.

CONTOS E NOVELAS

ABBIU

Ela nunca soube o seu nome; ele nunca se inquietou acerca do seu estado.

Foi por uma bela manhã de primavera que a aproximação se operou.

Ela descia os campos-Elisios, ele subia...

Encontraram-se na altura do Rond-Point.

Cruzou-se o relampago dos seus olhares; e sem saber porquê, continuando a caminhar, cada um em sentido inverso, não cessaram de pensar um no outro.

Por esta razão, provavelmente, cinco minutos depois, de novo passeavam lado a lado.

—Singular!... pensou ele.

—E' estranho!... murmurou ela.

Ao terceiro dia sorriam-se; ao quarto comprimentavam-se.

Comtudo, ela não tinha apparencias, nem esse não sei quê denunciador da mulher que procura aventuras; ele, de modo algum parecia pretencer á casta dos sujeitos que seguem as mulheres.

Ainda que ela vestisse com perfeita elegancia, em toda a sua toilette havia esse cachet de *comme il faut* simples, adoptado pelas mulheres de um mundo que aspira a passar inapercebido aos olhos do peão vulgar.

Ela era gentil, muito bonita; vinde e tres ou vinte e quatro anos o maximo; feições finissimas, coração quente, esplendidos cabelos negros muito ondedados, labios espessos, vermelhos como um morango, deixando aperceber, pelo arqueamento do sorriso, a brancura nacarada de uma fiada de perolas pequenissimas...

Em fim, um *vrai morceau de roi!*

Ele, um belo loiro, modos aristocraticos, distincção natural, parecia dever pertencer á melhor sociedade. De parte a parte se faziam estas reflexões.

Ao quinto dia aborçaram-se.

—Perdão, minha senhora... Quiz-me parecer que lhe não era estranho e...

—Igualmente da minha parte, senhor...

—Oh! não ha que duvidar, somos velhos conhecidos.

—Tambem me parece certo. Sómente...

E' verdade... Sómente esqueceu o meu nome... Calisto!

—E eu, Madalena!...

—Precisamente como imaginava!

Quando se é tão encantadora não se pode deixar de ter como padroeira uma santa que ninguém ainda excedeu no amor. Oxalá seja devotada ao seu culto e que...

—E que?

—Saiba amar.

—Desejaria primeiro saber o que é realmente o amor antes de lhe responder.

—Oh! decerto que, pelo menos já entreviu as azas d'esse pequeno deus malicioso...

—Em sonhos, já...

—N'esse caso permita-me dizer-lhe que deve ser uma senhora benevolente, porque decerto muitos se terão oferecido para lhe contar a biografia do travesso do Cupido.

—Sou pouco afeiçoada a empresas temerarias.

O tom, as maneiras da sua interlocutora, as suas palavras, tudo confirmava Calisto no pensamento que, apesar da incorrecção da sua réplica, Madalena pertencia ao verdadeiro mundo.

—Começo a compreender que é uma verdadeira filha de Eva, tornou ele.

—Será defeito parecer com minha mãe?

—Conforme. Em todo o caso não serei eu que penso em censura-la e, mesmo se permite, solicitaré a graça de me oferecer para servir a sua curiosidade.

—Concedido, mas com uma reserva.

—Ah! Qual?

—A de nunca procurar saber quem é Madalena; ela tambem não pede para saber o nome que civilmente acompanha o de Calisto.

—Coaccedido com entusiasmo. Podemos queimar os protocolos, eis-nos velhos amigos, Madalena e Calisto,

sem senhor nem senhora de sentinela.

—Oh! meu Deus, porque não!

—E' uma adoravel creatura; mas não lhe parece que seria melhor abandonar este grande caminho de curiosos e de *flaneurs*?

Só vejo caras conhecidas e talvez seja melhor evita-las... Não acha?

—Vamos ao Bosque; a esta hora as alamedas estão desertas.

Sem a menor especie de cerimonia, a joven descansou a sua pequenina mão no braço de Calisto.

Chamaram um trem de praça, que passava vagarosamente, sem ninguém. O trem foi despedido no meio dos arvoredos frondosos, e Calisto pôde, n'esse dia, teoricamente desenvolver as suas ideias sobre o amor e sobre a melhor maneira de exprimir as impressões.

A sua instrutiva conversação pareceu não desagradar á sua companheira, apesar da audacia das suas vistas.

E' que o meigo abril exalava os seus perfumes no renovo das arvores e no desabrochar das rosas. As relvas erguiam a crista verdissima, sacudindo as folhas secas, amareladas pelas frias do inverno.

Nem Madalena, nem Calisto eram d'aquelles que tremem das tentações d'abril, da traição dos aromas, e dos deslumbramentos do desconhecido.

Evidentemente, o amor assustava-os tanto como as suas consequências.

Calisto fazia, em prosa, o que Sully Prudhomme disse em verso:

Posseder la beauté c'est dans une caresse offerte, mais rendue, avec un trouble égal. Par la fête des sens exprimer la tendresse Par d'esquisse tendresse honorer l'ideal.

E. Madalena respondia:

—Para mim é:

Offrir à l'âme, l'âme aux lèvres condensée, Voilà l'amour entier, rêve des cœurs puissants.

Passearam durante duas horas e, encantados um do outro, os novos amigos separaram-se, combinando *rendez-vous* para o dia seguinte.

E no dia seguinte, e no outro, e durante quinze dias, formadas estas duas atracções, reunidas por acaso, folhearam o doce livro do espirito e do coração, tão bom de saborear com meiguices, sob a chuva de ouro do sol da juventude, quando se sabe que não se chegará á crise do epilogo seuão depois de se ter, ao longo do caminho, colhido enormes *bouquets* de flores, para com elas velar as desilusões.

Calisto, um *raffiné* em amor, era homem de trinta anos, susceptível d'esses ardores que, por serem inteligentes, não são menos exigentes. E depois, abril!... o inebriante abril, abria os seus botões, fazia sorrir os rebentos; as aves enamoravam-se nas balseiras, e Madalena entregava-se a uma *calinerie*, a um abandonado dos mais irresistiveis.

De resto, posta de parte a hipotese de *demi mondaine*, essa mulher não podia deixar de ser um ente sequisioso de amor e de desconhecido!

Calisto tornou-se febril, sobre tudo pontualissimo ás entrevistas.

Uma vez, uma carroagem de stoures corridos, na qual encontrou Madalena, conduziu-os para um sitio estranho, e depois parou á entrada d'um pequeno caminho.

Ahi, despediram o cocheiro; pisaram durante alguns momentos a fria areia de um atalho ladeado de pilriteiros em flor, e em breve, como que enovelado n'uma coucha de folhagem, appareceu-lhes um ninho humano sob a forma de um chalet.

—Que formosa vivenda! exclamou Calisto.

Um pouco exigua... mas espero que seja sufficiente para dois rouxiños como nós.

—Creio, creio!

No interior tudo era fresco, delicioso, sorridente.

—Dir se-ia que o estofador acaba de sair d'aqui, observou o joven enamorado.

—Talvez... Em todo o caso, tomo ao mesmo tempo que o senhor, posse da casa.

—Que tu, dize tu, querida!

Madalena respondeu com um beijo dulcissimo.

—Estamos sós, aqui?

—Com a minha fiel Kate, que nos servirá.

—E não te atraçoará, misteriosa

amada? —perguntou Calisto sorrindo.

—Não, porque não terá o trabalho, aliás perfeitamente inutil, de a interrogar.

—Seja! Amemo-nos, e que importa o mais?

O chalet compunha-se de dois compartimentos em cada andar. No primeiro, uma alcova e um gabinete de toilette; em baixo, sala servindo de casa de jantar; muitas flores, muitas plantas; simples decoração de *cretonne*.

Todo o luxo estava reservado para a alcova.

Verdadeiro templo do amor, afestoados de seda e estofos, tapete denso, ao centro do qual se elevava, sobre um estrado, um grande leito flacido, que parecia coberto de neve, sob os frócos de batista e de rendas.

No fogão crepitava bela chama, despedindo sobre as paredes as fitas dos seus ardores e espalhando na atmosfera os atomos perturbado res de perfumes capitosos, que revolteavam em turbilhões pelo ambiente.

—Doce amplexo da voluptuosidade! pensou Calisto. Este chalet será o fruto da experiencia, ou o sonho d'uma engenhosa imaginação?

Calisto nunca resolveu o problema, e provavelmente, pouco cuidado lhe deu...

Que vida, a dos dois felicissimos rouxiños, n'aquella gaiola encantadal

No dia seguinte, pálidos mas radiosos, achavam-se sentados ao lado um do outro, em frente um bom jantar, servido com a precisão mecânica de uma vélha ingleza, secca como um arrenque e cujas feições lembravam vagamente as dos *bull-dogs* da Inglaterra.

O jantar foi o que devia ser entre duas pessoas nas condições em que se encontraram Madalena e Calisto; animou-o a mais espirituosa e terna das conversações; depois retiraram-se para o gabinete de toilette e, durante oito dias, o enamorado par não abandonou o ninho senão para acudir as azas nas olorosas espessuras do bosque.

A principio tudo isto pareceu delicioso a Calisto: os livros mais variados guarneciam o pequenino salão.

Madalena, excelente *virtuose*, fazia brotar do piano diluvios de sonhadoras melodias; ele queria viver sempre assim. Depois... tornou-se melancolico, nostalgico...

—Não podemos, pensava ele, ficar *ad vitam actenam*, submergidos n'este oceano de verdura...

Não lhe deram tempo para tornar consistentes as suas reflexões porque no dia immediato áquello em que, pela primeira vez, aludiu ao seu desejo de ver abrir-se a porta do paraizo, Madalena disse-lhe, ao almoço:

—Queres que vamos dar uma volta até Paris?

—Quero, quero... Quando regressarmos a Cythera?

Respondeu-lhe um sorriso enigmático.

Partiram para a grande cidade.

—Onde nos encontraremos, que riola? perguntou Calisto, porque contiño sem saber a que região me conduziu a minha adorada carcereira.

—Encontrar-nos-emos na barreira de Neuilly...

Abraçaram-se ternamente; Madalena, muito palida, parecia comovida no momento da separação.

No dia immediato, Calisto esperou no logar do *rendez vous*, e as horas passaram sem que ela viesse.

Não teve mesmo como a irmã Ana, a consolação de contemplar a erva que reverdecia e o sol que a polvilhava de brilhantes; chovia.

Nos dias seguintes, Calisto andou, no mesmo sitio, sem melhores resultados. Passeou nos Campos Elisios, explorou os theatros, escreveu convites, fez annuncios no *Figaro*. Baldado empenho! Nunca mais ouviu falar de Madalena, que pela sua parte, nunca soube como ele se chamava.

Decorreram muitos anos; Bruxelas, toda embandeirada, festejava os

sens soberanos e os estrangeiros affluam.

Madalena, encostada ao peitoril de uma janela, estremeceu subitamente.

N'uma das carruagens da embaixada de França um homem bastante alto, loiro, conversava com um individuo que o acompanhava: era Calisto, — Calisto um pouco maduro, mas ainda belo.

A mão de Madalena esboçou um signal, depois parou.

—Para quê? murmurou ela.

Esses sonhos primaveraes esvoaçaram para o paiz do passado, mas ficaram no numero das minhas mais belas recordações.

Para que rasgarei o veu do incongnito?

E pensou bem, muito bem. Se estas paginas cairem, por acaso, sob os olhos dos heroes da brilhante equipagem, aposto que louvam calorosamente a resolução da misteriosa ela...

Trad. Agnelo Oscar

GAZETILHA

Eu, O Herald, o jornal De maior circulação, Participo á multidão

Em geral, E muito em particular A Voc'encia

Ter resolvido mudar De residencia.

Vim para Faro. Ora aqui E' tal o noticiario, Que preciso — isto é notório! — O bojo extraordinario D'um grande circulatorio

Como outro não haja ahi N'esta terra luzitana...

Deixo de andar á semana, E passo de semanario A bi.

Aproveitando o fadario De tanta transformação, Dir-lhe-hei, caro leitor, Que mudei de redação E de côr.

(D'esta mudança taluda Muita gente ha-de supôr Que O Herald... está na muda.)

Que vou sêr? A que deusa vou atêr-me? Quem isto quizer saber Bastará apenas lêr-me, Perceber-me...

(Não sei se percebem bem!...)

Só uma coisa, porém, Por seu sabôr d'alcaloide, Eu não sou, nem sêl-o busco: Squalo-bacharelzoidê Vermelhusco.

Pela copia João Alêgre

ERNESTO KORRODI

Acompanhado de sua esposa, visitou nas ultimas ferias o Algarve o distinto architecto sr. Ernesto Korrodi, director da Escola Industrial de Leiria. Os professores da Escola Industrial Pedro Nunes, d'esta cidade, haviam preparado uma cordeal recepção que muito penhorou o illustre visitante, retirando-se este agradavelmente impressionado com os naturaes encantos d'esta bela provincia e pela fórma cativante com que por toda a parte foi acolhido.

Admirei outro dia um barco automovel nas aguas remançosas do nosso rio. Gostei de ver o tal barquinho de manivelas atraz. A manivela estava um pouco estafada, mas não admira, porque o seu transporte foi uma grandissima viagem. Veiu de Marselha ou coisa quejanda, e para desembarcar em Tavira fez coisas levadas do arco da velha: atravessou a França do sul ao norte, meteu-se pelo Tamisa até Londres, esteve em Liverpool, veiu a Madrid, tornou depois á França, entrou na Alemanha, foi á Russia, foi ao diabo, retrocedeu á Espanha, viveu dias deliciosos na região dos paivantes e, por fim, já estenuada a semi-morta

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiais de Higiene, Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL. OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças dos olhos, boca e dentes. Dentes artificiaes.

CONSULTAS TODOS OS DIAS, EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6

FARO

Carta de Tavira

Entre Scylla e Charybdis, entre a espada e a parede, logo no começo da primeira carta! E' que nem sei o que heide dizer e, mesmo que o soubesse, já compreendo que não é facil reduzir á escrito o palanfrio com que se podem apresentar as ideias, demais a mais na ortografia *demier cri!* E esta verdade será de per si bastante para desacreditar a minha colaboração. Dando voltas ao miolo e tratos á imaginação, cá estou sentado á escrivaninha, com muito papel deante de mim, linguadros aos milhões, resmas sem conta, e, apesar de tanto papel e de tanta vontade de ser util, por meio da imprensa, aos meus concidadãos, vejo-me sem coragem, as ideias frigem-se de mais, cheiram a bispo, cheiram a esturro, cheiram ao diabo. O cerebro põe em movimento todas as suas engrenagens, e as ideias, ou o que quer que seja, gravam-se na tal massa cinzenta de que falam os sabios. E estas ideias, quer fossem colocadas umas ao lado das outras, como as tabuas dos soalhos, quer fossem sobrepuestas ou encasteladas, com certeza dariam assunto para grandes coisas e não lhes bastariam as courelas do bi-semanario, mas o peor não é isso, o peor é que tudo quanto escrevo não vale um centavo ou um discurso dos deputados do Algarve, e nos jornaes querem-se coisas boas, coisas de geito, fabricadas com arte: do resto, de patectices, de baboseiras andam os jornaes abarrotados. E aqui fica a revelação da minha incompetencia.

De Tavira, uma boa pena teria muito que registrar, porque todos os dias apparecem phenomenos serios ou grotescos, tactos de noticiario vulgar ou dos taes que no jornalismo de gravata se costumam traduzir por entrelinhas e reticencias. Em Tavira ha de tudo: coisas de sala e da rua, dramas, farças e comedias, virtudes e vicios e... alguns escandalosinhos uma vez por outra.

Passou a ex semana santa, que, a bem de todos, não produziu procições. E mais valeu assim, porque o diabo podia tecê-las e vir da Chamusca fazer entre nós as mesmas piroetas e façanhas que por lá fez. Houve coisas dentro das igrejas, na escuridão, na sombra, no silencio, e foi bastante; houve exposição de santos, houve latinorios, sermões, cheiro a incenso e a rosmaninho, beatas falsas, mexer-cos, e tudo isto nos dava a impressão d'uma decadencia religiosa a toda a prova, a tresandar de velharia, como quem visse deante dos olhos as ruinas d'um edificio milenario e colossal, ou os retalhos chorosos de qualquer comerciante falido.

A cidade vae atravessando uma temporada de modorrice. No domingo nem a musica tocou duas lérias no jardim. O Torpes andava naturalmente constipado e o Caraca não deu a tempo a sua melodiosa produção. Ao Torpes fazia-lhe mal a tempestade que podia desencadear-se. O sol estava quente, mas é certo que podia causar-lhe pirraça, fugir do ex-ceu, cobrir-se de nuvens ameaçadoras e, em vez de raiar raios dourados, fazer com que as nuvens despejassem agua por crivos. O Torpes é assim. Para não haver musica aos domingos, basta lembrar-se de que pode chover, ainda que seja ás quartas feiras.

Admirei outro dia um barco automovel nas aguas remançosas do nosso rio. Gostei de ver o tal barquinho de manivelas atraz. A manivela estava um pouco estafada, mas não admira, porque o seu transporte foi uma grandissima viagem. Veiu de Marselha ou coisa quejanda, e para desembarcar em Tavira fez coisas levadas do arco da velha: atravessou a França do sul ao norte, meteu-se pelo Tamisa até Londres, esteve em Liverpool, veiu a Madrid, tornou depois á França, entrou na Alemanha, foi á Russia, foi ao diabo, retrocedeu á Espanha, viveu dias deliciosos na região dos paivantes e, por fim, já estenuada a semi-morta

abordou a Tavira, deitou as garras a um dos botes do nosso rio, e Sueca acima e Gilão abaixo, era um gostinho vê-lo na sua faina, á mercê dos patrões. E a gente amontoava-se na ponte, boquiaberta, pasmada, a ver aquele barquinho veloz, tão ligeiro que, no auge da sua velocidade, quasi nem saia do sitio!

As hermanas Gomez trazem atordoados os miolos de muitos piquenos cá da terra. Até dá graça ver os papalvos a olhar, a espreitar, a bater as azas do amor e da conquista e, no fim de contas... ó Carvalho! deixa cá ver um bilhete de sete e meio!

No domingo houve um baile principesco. Abriram-se galanteadoras as portas do Gremio e ali se reuniu a fina flor da mocidade. Dançou-se com entusiasmo até ás cinco horas, e as patroas da casa ofereceram um belo serviço. Uma boa noite de dança e de namoricos disfarçados.

Até um dia.

Lorenzo.

FILOSOFIA PRATICA

PENSAMENTOS

Um livro é uma carta escrita a todos os amigos desconhecidos, que temos no mundo.

Azinhaira.

— A paciencia é o genio.

Buffon.

— Experimentareis menos pezares á hora da morte se tiverdes a consciencia tranquila.

Confucio.

— Se de repente Deus fosse obrigado a viver a vida que impoz ao homem suicidava-se.

Alexandre Dumas.

— A consciencia é a voz do espirito; as paixões são a voz do corpo.

Euripedes.

— Ha tres coisas que eu tenho sempre amado e que nunca pude compreender: a pintura, a musica e as mulheres.

Fontenelle.

— A febre do oiro é a mais perigosa doença do genero humano.

Gratelard.

— Deus é sempre grande, no grande e no pequeno.

Herder.

— Sê ávido por saber e serás sabio.

Isocrates.

— Alegar as más acções dos outros para justificar as proprias, é querer lavar-se com lama.

Jonas.

CANCIONEIRO DO POVO

A luz que tem sete côres Com elas não me seduz, Que o olhar dos meus amores E' mais brilhante que a luz.

Tenho dentro em meu peito Duas rodas de moer; Uma anda, outra desanda— E' assim o bem querer.

CARTEIRA

Fazem anos:

Hoje, 10 — D. Maria Albertina Reis d'Oliveira Batista, D. Rachel A. Sabath e D. Maria da Encarnação Fonseca Carmo.

11 — D. Felismina Corte Real. 12 — D. Raquel Judice Carneiro e dr. Victor Castro da Fonseca.

Doentes:

Acham-se doentes n'esta cidade, as sr.ªs D. Rita Ortigão, esposa do nosso presado correligionario Capitão Ramalho Ortigão; D. Francisca Vellozo, distinta professora de piano, e D. Tereza Evangelina Leal; Marcelino Carlos, 2.º comandante da Palmela; Carlos Uva, filho do sr. João da Uva, abastado proprietario de S. Braz do Alportel e o academico Joaquim Paulino Fundado.

Tem felizmente experimentado progressivas melhoras as sr.ªs D. Maria da Trindade Peres, estrema filha do nosso velho amigo sr. José Joaquim Peres, digno escrivão notario d'esta comarca; D. Virginia Parreira e D. Eustaquia Leote.

Tambem está doente a filhinha dilecta do nosso amigo Carlos Medonça, intelligente guarda livros da casa Modesto dos Reyes.

POR ESSE ALGARVE

Estombar

E' verdadeiramente lastimavel o estado em que se encontra o pavimento das principaes ruas d'este povo, algumas das quaes já sem empedrado, estão quasi intransitaveis. Tambem os preceitos higienicos deixam muito a desejar.

Ainda não ha muito uns cães abatidos pelo policia encarregado d'este serviço sanitario apodreceram em plena rua.

Tambem muito se faz sentir a falta de pontões nos caminhos e estradas.

Pedimos providencias a quem competeir.

Olhão

Continua a greve dos trabalhadores ruraes, tendo havido pequenos incidentes.

Espera-se, todavia, que dentro em pouco seja restabelecida a normalidade. Ainda não retirou a força de Tavira, que sob comando de um tenente, e com alguns policias de Faro está incumbida de manter a ordem.

Portimão

Causou desagradavel impressão em quantos se interessam pelos progressos d'esta encantadora vila o factio de ter sido reprovada pelo Concelho Superior de Obras Publicas, a concessão pedida pelo sr. Antonio Paulino Fernandes, e destinada a melhorar este porto tão prejudicado pelo assoreamento.

Á cerca d'este importante melhoramento, publicou O Seculo um bem elaborado artigo do distinto official da armada, 1.º tenente, sr. Pedroso Lima, capitão do porto de Portimão; artigo que tem sido aqui devidamente apreciado, pois, como bem conclue o illustre articulista, não se compreende que, não permitindo os recursos financeiros do paiz que essas obras sejam feitas pelo Estado, este não consinta que os particulares as realizem.

Silves

A fim de minorar a miseria que, em consequencia da crise de carvão afflige a laboriosissima classe corticeira d'esta cidade constituiu-se uma commissão de beneficencia composta dos srs. dr. Palma, administrador do concelho; Joaquim Pinto Serra, inspector escolar; José João Duarte, presidente da camara; dr. Diogo Leote, official do registo civil; dr. João de Campos Pereira de Lima, delegado do procurador da Republica, dr. Francisco Freire, sub-delegado de sande; visconde de Lagôa e dr. Anselmo da Cruz Nogueira, medico municipal.

Os donativos que atingiram a importancia de 195\$050 réis, foram distribuidos por 236 chefes de familia e por intermedio da respectiva associação de classe, sendo a percentagem de 500 réis por pessoa, 800 réis para duas; 1\$000 réis por tres ou quatro; 1\$000 por cinco ou seis, e 1\$500 para as outras familias.

A mesma commissão tambem solicitou do governo providencias sobre o assunto.

Bem hajam quantos se interessam pelas classes trabalhadoras e que pon-do de parte divergencias politicas se lembram de praticar atos de filantropia tão dignos de especial registo como os que acabamos de enumerar.

Vila do Bispo

Na segunda feira, 8. ás 20 horas, na povoação da Figueira, d'este concelho, Antonio Faufuria de Salema agrediu João Rosado, de Vale de Boi, com uma paulada na cabeça, causando-lhe a morte.

O assassino foi preso e confessor o crime.

DIA HISTORICO

10 DE ABRIL

877—Morte de Luiz II de França.

1040—Tomada de Coimbra por D. Fernando I, de Castela.

1519—D. Alvaro de Noronha ataca e toma a povoação moirice de Umbre.

1814—Batalha de Tolosa, pelo exercito portuguez.

1848—Procição dos cartistas inglezes com uma petição ao Parlamento.

1910—Entra no Tejo o «destroyer» brasileiro Alagôas.

CANTIGAS



De te amar não me envergonho, Não te envergonhes se és pobre; A seda que as ricas vestem Quanta miseria não cobre . . .

Sou teu. Emfim, tu és minha. Ligámos a nossa sorte: Duas vidas numa vida, Neste intervalo da morte

Daquilo que nós juramos Nada resta que o ateste; Mesmo as estrelas nem viram Certo beijo que me deste.

Mulher, basta de insolencias. Não amas? Isso que tem! Insultos a quem te eleva E' baixesa e não desdem.

A ingennidade que finges Anda a pedir-nos açoite De dia sempre fechada A' janela toda a noite

Cala a boquinha, não fales Que nada provas por fim; Não me convences que não Se afirmam todos que sim . . .

Deita-se a semente á terra. Cobre-se a terra de flôr; Teus olhos são a semente Donde brotou meu amor.

Que sou volúvel, afirmas, Por não ter amor que dure; Amas tantos d'uma vez, Ninguem ha que te censure

Deixei-a. Nada de pena. Toda a gloria me pertence. Em amôres quem desiste E' sempre aquele que vence.

Sou reu. Confesso o delito Ten coração é juiz: Amei teus olhos demais, Castiga o crime que fiz.

Acácio Bento

MUNDO EM FÓRA

Parece estar solucionada a greve dos mineiros inglezes, que tantos receios chegou a infundir á industria e ao comercio de todo o mundo. Já foi competentemente ordenado o regresso ao trabalho, ordem que a maioria dos grevistas acatou sem opposição. Até hoje, as caixas dos sindicatos distribuiram pelos mineiros perto de seis mil contos. No principio da movimentação os sindicatos possuíam nove mil contos de réis, para defrontar as contingencias da greve. E apesar de tudo, cederam-se á mingua de recursos!

Coisas militares

Por uma determinação do ministerio da guerra fixou-se em 250 o numero de cabos e soldados que ficam constituindo o quadro permanente na arma de infantaria.

N'este numero serão incluídos os recrutados e praças do activo que se ofereçam por mais um ano, as praças licencceadas e de reservas que até á véspera do sortio se ofereçam aos comandantes onde desejem servir os refratarios, os readmitidos, os voluntarios ao respectivo serviço e os compellidos. O pessoal permanente só se completará na ocasião do 2.º sortio, pois que o numero de recrutados sorteados em 15 do corrente (1.º contingente) será igual a metade da diferença entre 250 e o numero de praças que existem no quadro activo.

Para o efeito do serviço, serão considerados readmitidos, exigindo-se bom comportamento, as praças do 2.º ano, excepção dos refratarios compellidos, e bem assim os licenciados e os da reserva.

As praças do 2.º ano de infantaria, que não queiram continuar ao serviço, licenciam-se com o primeiro contingente.

Até aqui parece estar tudo muito bem, mas nada d'isso se dá. A esta determinação falta-lhe razão de ser n'este momento.

E' extemporanea.

Havia uma lei em vigor que marca o numero de praças que deviam ficar constituindo o quadro perma-

nente e que determinava a altura em que se devia proceder ao sortio. Os comandantes dos corpos cumpriram essa lei, e as praças foram sorteadas.

Dá-se, porem, agora a circumstancia de ter de se proceder a novo sortio e aqueles que tiveram a doce alegria de se julgarem prestes a ir para sua casa tratar da sua vida, ficam de novo sujeitos á terrivel contingencia de ser obrigados a mais serviço. Não será isto um grande disparate?

PELA CHAMUSCA

Já que todos os jornaes apresentam as suas razões e encham colunas sobre o caso da Chamusca, demos aos nossos leitores um resumo do caso. Os fanaticos da Chamusca pretenderam fazer uma procissão na quarta feira passada; era a procissão dos fogarens. A autoridade, persuadida de que poderia haver alteração da ordem publica, prohibiu que se realizasse.

Mas os taes reaccionarios, sempre desejosos de contrariar as leis da Republica, apesar da prohibição da autoridade para a procissão se fazer de dia e da letra expressa da lei, que não permite procissões de noite, houveram por bem, contra todos os preceitos da boa educação civica, fazer á força o que não podiam nem deviam fazer. De noite, abriram as portas da igreja e pozeram a procissão na rua!

Houve conflitos. Quem teve culpa d'esses tristes acontecimentos que determinaram a morte de dois homens? Unicamente os reaccionarios, porque faltando ao respeito da ordem e ao cumprimento da lei, provocaram o sentimento livre pensador do povo republicano.

NOTICIARIO

Deu nos o prazer de sua visita, nesta redacção, o nosso presado amigo Sebastião dos Santos Mateus Capinha, digno professor official na vila de Montemor o Novo.

—Acompanhado de sua ex.ª familia, regressou a Faro, no dia 9, o nosso presado amigo Sr. Ezequiel Pereira, illustre director da Escola Industrial Pedro Nunes.

—Regressaram de Lisboa o sr. Fidelino Figueiredo, professor do liceu d'esta cidade, e o sr. dr. João de Matos Cid, presidente da Commissão Administrativa do Municipio de Faro.

—Chegou hoje de Lisboa o sr. dr. Dias Ferreira, meritiissimo juiz de direito d'esta comarca.

—O sr. Francisco Antonio da Natividade, zeloso sub-chefe fiscal dos impostos em serviço no concelho de Faro, foi louvado em ordem geral pelos seus bons serviços.

—Foi nomeado piloto da barra e rio de Vila Real de Santo Antonio o sr. Simão Salles.

—Aos inspectores de finanças foidada autorisação para poderem assinar as requisições de transporte em caminho de ferro para o pessoal dos impostos.

—Grassa o normo com tal ou qual intensidade no gado do Ribatejo.

Para estudar e apontar os meios convenientes a combater tão terrivel e perigosa doença, foram já nomeadas comissões de medicos veterinarios.

—Na segunda feira passada esteve em Faro a Ex.ª sr.ª D. Maria da Conceição Silva Cezar, de Vila Real de Santo Antonio, acompanhado de seu padrinho ex.º sr. Martinho José Rodrigues, comerciante n'aquella vila.

—De visita a seu filho operado ha dias pelo clinico Candido de Sousa, auxiliado pelo delegado de saude Souza Vaz, esteve no domingo n'esta cidade, acompanhado de sua esposa, o ex.º sr. José Martins Junior, grande proprietario em Moncarapacho. Retirou satisfetissimo pelo bom resultado da operação e plenamente convencido de que em breves dias verá completa a cura.

—Em vista de constituirem um perigo para a navegação os restos da canhoneira Faro, o local onde se encontra foi assinalado por uma boia de arinque e um barril da ar-

mação pintado a preto com a palavra Naufragio a vermelho. O mesmo local fica proximo do enfiumento determinado pela igreja de Alvôr e pela quina este d'um edificio.

Poetas esquecidos

NÃO É SIM

Quando a rosa desabrôcha No seu primeiro botão, Tem um viço mais fornoso Que o teu lindo rosto? . . . Não.

Quando aos céos a aurora assoma Envolta em doce clarão, Tem uma côr mais mimosa Que a das tuas faces? . . . Não.

Quando, á noite, mil estrelas Em cortejo á luz estão, O seu brilho é mais luzente Que os teus vivos olhos? . . . Não.

Quando a aurora, a rosa, os astros Se ostentam belos assim, Curvam-se acaso de humildes Ante teus encantos? . . . Sim!

E. de Serpa

CONGRESSO PEDAGOGICO

Afim de assistirem ao congresso pedagogico, partiram para a capital os nossos presados amigos srs. Piedade Corrêa, digno inspector escolar do circulo de Faro, João Cabrita da Silva, distinto professor complementar de Loulé e Jaime Cunha.



É TÃO FACIL CONSERVARSE DE SAUDE!

Se conseguirdes o remedio proprio para o caso, e o applicardes promptamente, evitaredes que a molestia se torne mais séria do que o necessario. Tomando immediatamente o caminho para a cura, claro está que vos poupaes muito soffrimento e incommodo, alem de despeza inevitavel ao tratamento. Tomae, por exemplo, a escrofula. Tratada devidamente no seu principio, podeis sustal-a e cural-a, quando, com um tratamento errado, vae de mal para peor.

Eis-aqui um caso que o comprova:

Os escrofulosos

devem tomar a Emulsão de Scott, porque eu soffria horrivelmente d'esta doença. Cheguei a trazer o peçoço n'um estado de se não poder olhar para elle por causa dos buracos que trazia em aberto. Tomei alguns remedios que me diziam ser bons para esta doença, mas os resultados não foram nenhuns. Resolvi então tomar a

Emulsão de SCOTT,

e em pouco tempo as fistulas foram fechando, encontrando-me hoje

completamente curado.

(a) Antonio Gomes Bento, Porto, 11 de Julho de 1910, Rua do Miradouro, No. 66-1.

A cura propria, em todos os casos de escrofula, a mais rapida e a melhor, está na Emulsão de Scott. Se qualquer pessoa da vossa familia tem escrofula, procura a Emulsão de Scott, que é sempre o que o vosso medico aconselha quando é consultado. Se fizerdes uso da Emulsão de Scott, resultará d'ahi a cura da vossa escrofula; mas tem de ser a Emulsão de Scott, visto que não ha outro preparado que tenha um archivo de curas comparavel com o que a Emulsão de Scott tem registado em todos os paizes civilizados. Se padecderdes de escrofula, procuraes hoje mesmo a Emulsão de Scott. Esta Emulsão cura a escrofula sendo tomada promptamente, em qualquer epocha da vida. Cura-a nos novos, nos velhos e nos de meia idade.

NOTA: Apesar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Droguarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 65, 1.º, Porto. Exigir sempre a Emulsão com a marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.



# TIPOGRAFIA DEMOCRATICA

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 21, 23 E 27

FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: facturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc, etc, etc.

## IMPRESSÃO DE LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officos, cartonado, almaço, etc etc, tambem por preços sem competencia.

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

## PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000:000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros maritimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

## TIPOGRAFOS

Precisam-se na «Tipografia Democratica»—Rua 1º de Dezembro, nºs 21 a 27. Faro.

ARTUR CANDIDO DE JESUS

Solicitador

Largo Ferreira de Almeida

FARO

## LOJA DE LISBOA

28—RUA DO REGO—28

FARO

E' esta a unica casa em todo o Algarve, onde se encontram os verdadeiros GABOES DE AVEIRO e SOBRETUDOS DA MODA por preços baratissimos, assim como um grande e variado sortimento de fazendas de novidade para senhoras, homens e creanças.

## MARCANO

Precisa-se de um n'este estabelecimento com alguma pratica de fazendas e que tenha aqui familia.

LOJA DE LISBOA = FARO

O proprietario = M. F. GOSTA

## JOSÉ MARTINS DA CUNHA

SOLICITADOR REGISTRADO EM

VARIOS TRIBUNAES DO PAIZ

Produtos quimicos e farmaceuticos  
Ferreagens e papelaria  
Vinhos finos e licores  
Queijos e manteigas  
Despachos de importação, exportação,  
de navios, etc. etc.

Correspondente de varios jornaes  
de Lisboa e Porto  
Agente de companhias de seguros  
Procede a cobranças de rendas e dividas  
Folha de Fiandres, marca F. C. B. Y.  
Oleos para maquinas e luzes

Assuntos de justiça e repartições publicas  
Venda de artigos do Algarve  
Fabrica de cartimões e letras esmaltadas  
Merceria completa  
Cofres, prensas e balanças  
Escrituração comercial

22—RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO—28

FARO

LABORATORIO DE FARMACIA

## BANDEIRA & RAMOS

DIRECTORES PROPRIETARIOS = FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

## PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

E' um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar—A saude das creanças.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despezas esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1060 réis.

Requiritando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circumstancia da redução da despezas resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

IMPORTAÇÃO DIRECTA

de artigos de Farmacia, Drogeria e Fotografía, das mais acreditadas casas produtoras — Grande deposito de especialidades nacionaes e estrangeiras

FABRICO ESPECIALIZADO DE EXTRACTOS FLUIDOS

SECCÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

## LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus